

Música na igreja evangélica: relação da aprendizagem e teoria das representações sociais¹

MODALIDADE: PÔSTER

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Daniel Ramalho Alves

Roger Cristiano Lourenço da Silva

Resumo: O artigo busca compreender o processo de aprendizagem dos músicos que iniciam suas práticas na igreja evangélica, sob o olhar da teoria das representações sociais, em seus conceitos e características. Neste artigo foram utilizadas entrevistas de meu trabalho de conclusão de curso sobre autoaprendizagem musical, utilizando-se do método de pesquisa qualitativa, junto a contribuições que reforçam as teorias aqui abordadas para continuação da pesquisa. Três pontos importantes no trabalho são: a relação com o campo religioso, a família e a mídia.

Palavras-chave: Aprendizagem; música; igreja; representações sociais;

Music in the Evangelical Church: Relationship of Learning and Theory of Social Representations.

Abstract: The article tries to understand the learning process of the musicians who begin their musical practices in the evangelical church, under the view of the theory of social representations, their concepts and some characteristics. In this article we used parts of interview reports from a course conclusion work about self-learning of popular musicians, along with contributions that reinforce the theories discussed here. Three main points in this work are: the relationship with the religious field, the family and the media.

Keywords: Learning; Music; Church; Social Representations

1. Introdução

O aprendizado musical se dá de várias maneiras, em distintos ambientes, de diferentes formas. Pesquisas e trabalhos acadêmicos são prova de que a escola não é o único espaço de ensino e aprendizagem, nem o único lugar de socialização. Diante disso, notamos que um dos principais espaços existentes de iniciação na música e desenvolvimento artístico-musical é a igreja (Novo, 2015; Lorenzetti, 2015). E como espaço educador e influenciador musical, a igreja dispõe de uma vasta prática musical em suas mais variadas reuniões e denominações. Novo (2015) confirma isso dizendo que “há uma relação direta entre música e a vida sociocultural das pessoas, posto que diante da dinâmica e mutabilidade social, as instituições religiosas tem buscado se adaptar as transformações das sociedades contemporâneas” (p. 14).

Com esse entendimento, formulamos o seguinte problema de pesquisa: Quais contribuições a teoria das representações sociais nos dá para entender melhor o aprendizado musical nas igrejas evangélicas? A partir dessa questão, este trabalho tem como objetivo

compreender o aprendizado musical no contexto religioso que a igreja proporciona se apropriando da teoria das representações sociais, como uma forma alternativa de explicar os processos de aquisição de conhecimento, ensino e aprendizagem, como sugere Chaib (2015, p. 360), dentro do universo musical. Diante disso, trago o conceito de Jorge Vala acerca da representação social, já vindo de um pensamento da psicologia social do Moscovici, que diz:

[...] representação social compreende um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objetos sociais, permitindo a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção e de elaboração das respostas, e contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade. (MOSCOVICI, 1969 *apud* Vala, 1986. p. 5)

Grande maioria das pessoas buscam encontrar na igreja uma comunidade de pessoas que se relacionam com uma divindade e com os outros através de suas crenças e práticas religiosas. Por ser um ambiente de devoção e fé, a igreja já se torna essa “resposta” citada no parágrafo anterior, e se torna um ambiente de representação social consistente, visto que muitas pessoas depositam suas vidas e atitudes na própria fé. A partir desse pensamento, a procura pelo serviço na igreja através da música se torna um reflexo da representação social aqui presenciada, que é a relação do homem com a igreja.

Duarte e Mazzotti (2006), em seu trabalho sobre representações sociais de música, trazem o conceito da teoria das representações sociais como uma forma sociológica, mais do que psicológica de psicologia social e dá conta das questões relativas às diferentes percepções que sujeitos constroem de um mesmo assunto, tema, objeto (2006, p. 1285). Os autores, trazendo a reflexão acerca dos processos de negociação de significados da música, apresentam a influência das representações sociais no contexto das práticas pedagógicas dos professores, se aquilo que é ensinado tem ou não influência social no professor, e de como a informação é assimilada pelos ouvintes, podendo gerar diferente interpretação a partir do que o ouvinte tem de representação social. Os autores dizem que “grupos sociais produzem representações segundo graus diversos de rigor e confiabilidade, de acordo com suas necessidades” (p. 1290).. A representação social gera um tipo de comportamento em comum e promove a comunicação entre os indivíduos, seja na fala ou mesmo nas relações sociais.

Contudo, a música não é vista no contexto religioso primordialmente como pilar educador. A função inicial da música na igreja é para celebração da crença dos fiéis em suas reuniões e eventos. Discutindo sobre essa demanda de músicos na igreja, o artigo de Brito e Almeida (2011), que trata sobre o ensino da música na Igreja Evangélica Congregação Cristã

no Brasil, revela que, entre as religiões praticadas no Brasil, as igrejas evangélicas têm notável preocupação com o ensino de música entre seus adeptos, como forma de providenciar a música nos cultos. Ele nos mostra que, não se resumindo a esta igreja, mas as igrejas em geral necessitam de “mão de obra musical” para conduzir as reuniões eclesiais.

Daí surge a prática dos músicos neste campo, e conseqüentemente o ambiente de ensino e aprendizado informal e não-formal que esses músicos proporcionam para os ouvintes e simpatizantes oriundos do convívio social sacro. Chaib (2015) diz que “as representações sociais são formadas e disseminadas principalmente por meio dos processos de aprendizagem não formal e informal. Se a educação é o processo de influenciar o comportamento das pessoas, a aprendizagem não formal e a informal são os fatores mestres nesse processo (p. 365). A igreja evangélica como uma comunidade religiosa tem essa característica influenciadora no comportamento dos fiéis assíduos no campo de uma forma geral.

2. Aprendizado no campo religioso e a representação social

Uma das razões de pesquisar mais a fundo esta temática foi o fato de eu ter sido resultado dessa vivência, iniciada na minha infância e estendida para adolescência. Além disso, o desejo de aprofundar os estudos e conhecimentos nesta área, e por ter forte relação com a vivência e experiências pessoais da pesquisa, conhecendo inclusive muitos músicos oriundos desta mesma experiência. Desenvolvi a prática por alguns anos, até fazer aulas particulares com um músico da própria igreja, que me orientou por alguns anos, e até a minha entrada no curso de licenciatura, quando decidi ingressar na música profissionalmente.

Dentro deste contexto, participaram de minhas entrevistas três amigos com caminhos de construção musical bem parecidos com os meus, que são imersos no contexto religioso. Na pesquisa, o Caio, Magdiel e Jonathan relatam a importante influência que a igreja teve em suas formações como músicos que são. Caio sempre acompanhou o pai nos ensaios da banda da igreja em que ele participava, admirando e sendo inserido indiretamente naquela realidade. Magdiel deu seus primeiros passos na música através de sua mãe. “Ela tinha aula na igreja. A que painho era pastor tinha um rapaz lá que ensinava, e ela começou lá” (MAGDIEL, entrevistado por ALVES, 2017). O Jonathan também teve influência direta da igreja por seu pai e seus avós participarem ativamente de grupos musicais na congregação em que eles frequentavam.

Eu sempre participei muito de ensaios, pelo menos na época eu lembro que a gente ensaiava. A banda da minha avó era muito frequente em ensaios,

tocadas e tal. E eu participava o tempo todo disso, respirava o tempo todo, seja nos finais de semana ou no meio de semana, seja com a banda da minha avó ou com a banda do meu pai, e eu tinha essa vivência. (JONATHAN, entrevistado por ALVES, 2017).

A perspectiva da teoria das representações sociais colabora para nós entendermos a relevância desse processo para quem se envolve na igreja ou na própria fé. A aproximação dos fiéis com a música não se dá unicamente pelo lado emocional ou até mesmo indiretamente induzido pelo contexto social, mas também pelo que a representação social de “fazer música para a divindade” significa para eles. O fato de servir na comunidade tocando não se faz só um lazer ou diversão, mas um ato de gratidão divina dentro de suas crenças. Abric (1998) traz um termo chamado de “ocorrência musical”, que traduz um pouco esse processo. Ele diz que “toda ocorrência musical é percebida, representada e reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída em seu sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependente de sua história e dos grupos sociais e ideológicos que o cercam (1998, p. 27). Duarte e Mazzotti (2006) explicam esse termo, dizendo que entendem por ocorrência a “efetivação material de qualquer padrão sonoro entendido como musical” (2006, p. 1285). Os autores reforçam o conceito de ocorrência musical como representações socialmente constituídas. Entende-se com isso que, a aproximação com a igreja através da representação social da fé levam os músicos a um contato com a música religiosa.

O contexto eclesialístico molda o comportamento e a cosmovisão das pessoas, junto a música, ainda mais. Isso traz muito significado para a experiência dos entrevistados, que são levados por esses eixos. Nenhum dos jovens envolvidos na pesquisa partiu para uma decisão de aprender a tocar ou cantar diante de sua individualidade ou própria intenção. Existiu um leve processo que delineou suas trajetórias até o ponto de, em algum momento, optarem pessoalmente por iniciar na música.

3. Representação social na família e mídia

Percebe-se que, nos três entrevistados, não é apenas a igreja um eixo centralizador da pesquisa; a família também é. Os três trazem na história influências diretas dos familiares que são ou foram envolvidos na prática musical religiosa, e os conduziram direta ou indiretamente no mesmo caminho.

Caio tinha sua irmã em casa que também tocava violão e tinha experiência musical em reuniões cristãs, unindo esses dois importantes polos na sua influência inicial. O Jonathan, falando de seus familiares na atuação musical, diz:

Meu pai é guitarrista e também *backing* vocal, meu tio é baixista e também faz *backing* vocal... minha vó tem uma relação com a música, ela não canta diretamente, mas está sempre envolvida com eventos de música, principalmente na igreja, meu avô canta e meu tio esposo da minha tia de sangue também canta. (JONATHAN, 2017 – entrevistado por ALVES, 2017. p. 24).

Essas aprendizagens que ocorrem em diferentes espaços, como a família por exemplo, são estudadas por Gomes (2011), onde o autor traz para “aprendizagem na família” características como “difusa” ou “silenciosa”, onde o aprendizado surge da observação, da imitação; de forma indireta (ao menos inicialmente), sem necessariamente saber que está aprendendo. Chaib (2015) tratando da modernização do acesso ao conhecimento, e levando em conta esses novos contextos de ensino e aprendizagem, diz em seu texto sobre representação social que “a aprendizagem não é mais um ato privado; é um senso comum compartilhado, difuso e ancorado por meios formais (educação) e mediado por meios não formais (mídias sociais) de aquisição de conhecimento” (2015, p. 363).

Não menos importante do que o papel familiar neste processo de construção e formação do músico oriundo das igrejas protestantes, estão as mídias sociais em geral, seja no universo da internet ou não. Araújo e Beltrame (2018), no artigo sobre representações sociais e tecnologias na vivência dos professores, relatam como foco a compreensão do “papel das tecnologias na vida das pessoas, e principalmente dos alunos e suas diferentes formas de se relacionar com a música e tecnologia.” (2018, p. 177). Os autores trazem a importância do olhar da representação dentro do contexto das mídias e tecnologias dizendo que “essa representação social demonstra que para alguns sujeitos o ato de utilizar uma nova ferramenta tecnológica, um software, um jogo digital é fator de enriquecimento em suas aulas.” (2018, p. 176)

Além de ser uma realidade na vida dos músicos de igreja, a mídia também se mostra como um tipo de representação social na vida de muitos músicos. Chaib (2015) diz que um dos aspectos mais interessantes da teoria das representações sociais é o fato de que essa teoria considera o importante papel da mídia na formação e na difusão do conhecimento social. Lorenzetti (2016) afirma que “as mídias apareceram como instituição formativa”. No seu trabalho com a música na igreja, a autora mostra que devido à necessidade da igreja se modernizar, observa-se a participação dos meios de comunicação como rádio, TV, internet, entre outros. Com o avanço das tecnologias, as formas de criar e receber arte foram e estão sendo modificadas. Com isso, ao discutir sobre o autodidatismo na formação musical, alguns

autores como Lévy (1999) trazem o termo “cibercultura”, que como diz Podestá (2013), proporciona um “dilúvio de informações”, abrindo caminhos para melhor busca de conhecimento.

Dos três entrevistados, Jonathan traz mais resultados buscados na internet, em sites musicais e grupos online, apesar de também usar softwares off-line para o aprendizado, assim como os outros dois. Jonathan utilizou-se de alguns fóruns sobre contrabaixo elétrico (seu instrumento), aprendendo sobre timbres, técnicas, improviso, e até marcas e modelos do instrumento. Por ser mais novo e pelo material de trabalho que tinha em casa, Jonathan já pode experimentar de artefatos mais modernos e tecnológicos em sua formação. Essa ideia de interação, de “aprender com o outro”, partilhar conhecimento e de interação virtual de aprendizagens, é comum às representações sociais, traduzida por Chaib (2015) quando o mesmo fala da “nova tecnologia”. Chaib diz que:

O conhecimento adquirido por meio de livros, informações impressas, na sala de aula e monitorado por professores é desafiado pelo conhecimento obtido por crianças e adultos, de forma independente, fora do contexto do ensino formal, por meio, por exemplo, da Wikipédia, do Google e do Facebook. A nova tecnologia não cria, por si só, novas representações do mundo, nem novos conhecimentos, mas contribui substancialmente para a difusão das concepções das pessoas e das representações do mundo, de maneira rápida e global. O desafio para os professores é compreender que tipo de representações as pessoas trazem com elas para a escola. A questão é como lidar com essas representações e como negociar suas funções no processo instrucional. (CHAIB, 2015. p. 364)

A prática do Jonathan em se relacionar com outros músicos e aprender com eles através de fóruns e redes sociais é exatamente o que o Chaib retrata acerca da nova tecnologia. Não foi criado uma nova representação de mundo, apenas foram conectados os indivíduos dispostos à prática da relação de ensino e aprendizagem, permeando o acesso ao conhecimento livre, independente do contexto formal de ensino, ou de um professor. Araldi (2016) afirma que “as visões que os entrevistados constroem acerca dessa relação entre aprendizagem/atuação musical com as mídias revelam como transitam nesses espaços e quais aprendizagens neles ocorre”, por isso a relevância de analisar estes materiais para a pesquisa (2016, p. 2). Com isso, é possível construir um aprendizado mais amplo, autônomo, com liberdade de buscar aquilo que se deseja, podendo até se aprofundar mais em determinado assunto buscando na própria internet embasamento teórico, auxílio profissional entre outras ferramentas, inclusive voltadas para música e aprendizagem, como comprovam os estudos

realizados por Araldi (2016), Novo (2015) e Lorenzetti (2016).

Nestes processos, vemos muito a busca do próprio indivíduo em seu conhecimento, tendo o interesse a partir de um ou mais estímulos (como já vimos), e vindo a traçar sua trajetória de estudos e aprendizagem. Chaib (2015) citando a psicologia de Vygotsky, diz que “o aluno é visto como um construtor de informações e a aprendizagem, como um processo ativo. Aqui também podemos notar semelhanças entre representações sociais e construcionismo social.” (2015, p. 363). Trazendo para a realidade dos “músicos religiosos” resultantes do ensino não formal, o conhecimento socialmente construído associado a autoaprendizagem de cada indivíduo refletem grande parte da formação destes músicos, como já foi visto anteriormente. Moscovici (1997) nos ajuda a concluir este pensamento, dizendo que “sem uma teoria das representações sociais, não podemos entender a construção social” (2015, p. 363).

4. Considerações finais

Pesquisar sobre ensino e aprendizagem jamais será algo simples de generalizar ou de entender. É uma área que cresce e é descoberta a cada ano que passa, a cada trabalho acadêmico ou artigo publicado, ou até mesmo, com o avanço dos aparelhos de comunicação e de socialização. Aprender é uma dádiva que temos. Aprender música ainda mais, principalmente para os que têm na música uma representação da fé, como foi discutido.

Antes de ter acesso aos conteúdos da teoria das representações sociais neste contexto, eu apenas enxergava a relação “música e igreja”; os músicos e a prática musical religiosa. Hoje, o conteúdo visto na pós-graduação associado a bibliografia da teoria das representações sociais me permitem entender como a relação do indivíduo com a sua fé influenciam nessa prática musical. A partir de uma intenção primária de ter acesso à religião, orar e participar de um culto, nota-se a música dentro desse contexto e dali surge um interesse pelo aprendizado. Essas e outras lições só se tornam mais claras mediante os estudos da sociologia da música e das representações sociais. Até aqui, algo significativo já foi construído, iniciado no trabalho de conclusão de curso, e continuado no mediante tempo de mestrado em que vivemos, através das lentes da teoria das representações sociais. Esta pesquisa certamente tem muita a se desenvolver, mediante os estudos se aprofundam e os conteúdos nos são apresentados neste tempo de pós-graduação.

Referências:

- ABRIC, J.C. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, D.C. Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB, 1998. p. 27-46.
- ARALDI, Juciane. Aprendizagens musicais na cultura digital e participativa: sobre videoaulas e escutas compartilhadas. In: XIII ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 2016, Teresina - PI. **Anais do XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM**. Teresina-PI: ABEM, 2016. p.1 – 11
- BRITO, Carlos Renato de Lima; ALMEIDA, José Robson Maia de. Educação musical e religião: reflexões sobre o processo de ensino/aprendizagem de música na Congregação Cristã do Brasil. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL – NORDESTE, 10, 2011, Pernambuco. **Anais...** Recife, 2011.
- CHAIB, Mohamed. **Representações sociais, subjetividade e aprendizagem**. Caderno de pesquisa v.45 n.156 p.358-372 abr./jun. 2015.
- DUARTE, Monica de Almeida. MAZZOTTI, Tarso Bonilha. **Representações sociais de música: aliadas ou limites do desenvolvimento das práticas pedagógicas em música?** Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1283-1295, set/dez. 2006
- GOMES, Celson. Educação musical na família: as lógicas do invisível. **Revista da Abem**. Londrina. v. 19. n. 25. Jan-Jun 2011.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LORENZETTI, Michelle Arype Lorenzetti. **Aprender e ensinar música na igreja católica: um estudo de caso em Porto Alegre / RS**. Porto Alegre, 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- MOSCOVICI, Serge; **Social representations theory and social constructionism**. 1997. Disponível em: <www.nsu.ru/psych/internet/bits/mosc1.htm>. Acesso em: mar. 2015.
- NOVO, José Alessandro Dantas Dias. **Educação musical no espaço religioso: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa – Paraíba**. Dissertação (Mestrado em Música) – UFPB/CCTA. – João Pessoa, 2015.
- PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino/** Maura Penna. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: Sulina, 2012. 247 p.
- PODESTÁ, Nathan Tejada de. **O autodidatismo na formação musical: revisão de conceitos e investigação de processos não-escolares de aprendizagem e desenvolvimento musical**. Dissertação (Mestrado), Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- VALA, Jorge. **Sobre as representações sociais** – para uma epistemologia do senso comum. Edição: Edições Afrontamento; Edição nº 4; Nº de edições: 256; Abril-1986, p. 5-25.



Notas

¹ O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba.